

Arte, literatura e seus agentes



▲ Yuxweluptun, L. P. *Usufruto*. 1995. Acrílico sobre tela.

OBJETIVOS

Ao final do estudo deste capítulo, você deverá ser capaz de:

1. Estabelecer uma relação entre os conceitos de **arte e representação**.
2. Reconhecer diferentes sentidos atribuídos à arte.
3. Caracterizar os agentes que participam da produção artística.
4. Compreender a relação entre **arte e literatura**.
5. Identificar diferentes funções associadas ao texto literário.
6. Explicar a importância do leitor para o texto literário.

Em todos os tempos, em todos os lugares, homens e mulheres de diferentes culturas, costumes, credos e etnias produziram arte. Por quê? O que é arte? O que explica esse impulso de criação, essa necessidade de expressar simbolicamente a vida? Ao longo deste capítulo você poderá pensar sobre essas questões. Elas introduzem uma reflexão sobre alguns aspectos do conhecimento e do fazer humanos.

Leitura da imagem

▶ Observe o quadro de Lawrence Yuxweluptun.

1. Como você descreveria a paisagem retratada pelo artista?

▶ Que figura(s) você identifica no quadro?

▶ No seu site, em uma breve apresentação em que comenta os principais temas explorados em seus quadros, Yuxweluptun afirma:

Vocês têm uma *bandeira*. Eu tenho uma *terra natal*. Vocês recebem proteção. Eu fui anexado.

2. Considerando as informações biográficas do autor, faça uma hipótese em relação ao interlocutor a quem ele se dirige quando diz “Vocês têm uma *bandeira*”.

a) O que a bandeira simboliza em relação a um povo?

b) Por que Yuxweluptun estabelece uma diferença entre a bandeira e a terra natal?

c) A segunda oposição do autor revela ainda mais o contraste entre ele e seus interlocutores. Por quê?

▶ Observe as imagens abaixo.



▶ Máscara de corvo dos índios canadenses (tribo Kwakwaka'wakw).



▶ Detalhe do topo de um totem (tribo Kwakwaka'wakw).

3. Compare as imagens acima com o quadro de Yuxweluptun. É possível identificar alguma semelhança? Explique.

▶ Uma das tradições dos povos indígenas dos Estados Unidos e do Canadá era a criação de totens com representações de animais. Esses animais eram considerados entidades sagradas, das quais as tribos descendiam. Além de símbolos de proteção, os totens também representam o vínculo a uma tribo específica.

4. Considerando essas informações, como podem ser interpretadas as imagens totêmicas presentes no quadro de Lawrence Yuxweluptun? Justifique.

Lawrence Paul Yuxweluptun (1957) nasceu em Kamloops, na Colúmbia Britânica (Canadá). É filho de pai Cowichan Salish e de mãe Okanagan, o que o faz herdeiro da tradição dos Coast Salish, uma das primeiras nações canadenses. As cores vivas e a presença de figuras totêmicas explicitam os vínculos de Yuxweluptun com a cosmologia Salish e com os traços característicos da arte dos povos aborígenes da costa oeste do Canadá. Os temas mais frequentes abordados pelo autor são a questão da posse da terra e os problemas ambientais.



▶ Lawrence Yuxweluptun.

» **Leia.**

usufruto

- substantivo masculino

1 Rubrica: termo jurídico.

direito conferido a alguém [...] de gozar ou fruir de um bem cuja propriedade pertence a outrem, de retirar-lhe os frutos e as utilidades que produz. [...]

Instituto Antônio Houaiss. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. (Fragmento).

5. O título do quadro de Lawrence Yuxweluptun é *Usufruto*. Faça uma hipótese para explicar a relação entre esse título e a intenção do artista ao criar uma obra como essa.

» **Analise a foto a seguir.**



» Protesto contra um muro construído por Israel na aldeia palestina de Al-Zawieh, em foto de Yoav Lemmer, 13 jun. 2004.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6. O que está sendo retratado pelo fotógrafo?
- a) Que elementos da foto você destacaria?
 - b) Compare a foto com o quadro de Yuxweluptun: quais são as intenções de cada um? Como realizam essas intenções?

» **Leia.**

Define-se **texto** como algo que pode ser **lido** e **interpretado**, que propõe um sentido final diferente do sentido de cada uma das partes ou elementos que o constituem, que sugere ou revela uma intenção específica de seu criador.

Quando falamos de **texto**, portanto, identificamos um uso da linguagem (verbal ou não verbal) que tem significado, unidade (é um conjunto em que as partes ligam-se umas às outras) e intenção. O que confere existência ao **texto** é sua possibilidade de leitura e de interpretação.

7. Com base nessas informações, você consideraria o quadro de Lawrence Yuxweluptun um texto? E a foto de Yoav Lemmer? Explique.

Arte e representação

Na foto do protesto das mulheres palestinas, identificamos elementos da realidade que nos são familiares, como as imagens da cidade ao fundo, o muro de pedra, as pessoas protestando. O quadro de Lawrence Yuxwulptun nos remete a uma realidade também familiar, como as montanhas, a água e os peixes. Na pintura, porém, tais elementos aparecem recriados, representados por imagens concebidas pelo artista.

O que distingue realidade e ficção? Esses dois conceitos são muito importantes quando fazemos a leitura de textos verbais ou não verbais.

Tome nota

Realidade é tudo aquilo que existe no mundo conhecido, que identificamos como concreto ou que reconhecemos como verdadeiro.

A **ficção**, por sua vez, relaciona-se à criação, à invenção, à fantasia, ao imaginário.

Nesse sentido, a ficção promove a **construção de uma realidade** para atender a um objetivo específico (promover a reflexão, encantar, criticar, divertir, etc.). Os mundos ficcionais podem corresponder à realidade, tal como a conhecemos, ou propor novas realidades, inteiramente imaginadas.

Assim, toda obra de arte é uma **representação da realidade**. Mesmo quando se ocupa de elementos em que podemos reconhecer o real, arte ainda é representação. Observe este quadro de Arcimboldo, pintor italiano do século XVI.



ARCIMBOLDO, G. *Inverno*.
s.d. Óleo sobre madeira,
84 cm x 76 cm.

No quadro, reconhecemos elementos do real, como as frutas, as folhas, os galhos e o tronco de árvore. O que se observa, porém, é que todos esses elementos da natureza foram organizados em uma composição concebida para que o conjunto se assemelhe ao rosto de um homem idoso, com a pele e os lábios enrugados. Trata-se de uma representação, porque a organização do quadro revela o olhar singular do artista, que escolheu um modo de representar elementos da natureza para causar determinada impressão no observador. O resultado dessa inusitada composição atrai o olhar e pode provocar uma reação inicial de espanto em quem a vê.

Alguns sentidos da arte

A história da humanidade é marcada pela criação de objetos que nos auxiliam a superar nossas limitações físicas. Um telescópio, por exemplo, funciona como uma poderosa extensão do olho humano. Tratores e máquinas permitem que a terra seja trabalhada de modo mais rápido e eficiente.

Por meio da observação e da análise desses objetos, podemos formular algumas hipóteses sobre as diferentes necessidades que sempre desafiaram o ser humano.

As criações, porém, não se limitaram à invenção e à produção de objetos de uso prático. A arte sempre ocupou lugar significativo na vida de todas as sociedades humanas. Os mais antigos objetos artísticos que chegaram até nós são pequenas figuras esculpidas por volta do ano 25000 a.C. Supõe-se que, com o auxílio dessas imagens, nossos antepassados tentavam controlar ou aplacar as forças da natureza. Para eles, símbolos de animais e pessoas tinham uma significação mágica, sobrenatural.

Que impulso levou nossos ancestrais a representarem, de alguma maneira, a vida que levavam e o que sentiam? E por que, desde então, todos os seres humanos, em todas as culturas, em todos os tempos e lugares, produziram arte?



▶ *Vênus*, de Willendorf, estatueta de calcário do período Paleolítico Superior (cerca de 25000 a 22000 a.C.), encontrada em 1908 nas proximidades da cidade de Willendorf, na Áustria.

As várias formas da arte



▶ Foto de Lois Greenfield, da série *Ballet Tech*, 2009.

Quando imprimiu sua arte nas paredes das cavernas, o ser humano começou a se valer de imagens para criar representações do mundo e da própria vida. Desde então, muitas outras manifestações artísticas se somaram a esse modo de representação.

Pintura, escultura, música, arquitetura, fotografia, dança, cinema, literatura oral e escrita são algumas das manifestações da arte que conhecemos hoje e por meio das quais podemos construir mundos ficcionais e expressar nossas interpretações da realidade.

O que é arte, afinal?

As muitas respostas possíveis para a pergunta sobre o que define arte variaram imensamente ao longo da história.

Durante muito tempo, a arte foi entendida como a **representação do belo**.

Mas o que é belo? O que essa palavra significa para nós, ocidentais, hoje, e o que significou para os povos do Oriente ou para os europeus que viveram na Idade Média?

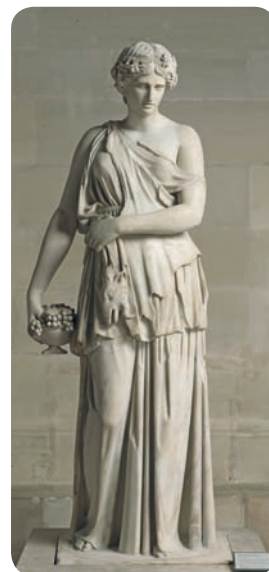
Na Antiguidade, por exemplo, o belo estava condicionado ao conceito de harmonia e proporção entre as formas. Por esse motivo, o ideal de beleza entre os gregos ganha forma na representação dos seres humanos, vistos como modelo de perfeição.

No século XIX, o Romantismo adotará os sentimentos e a imaginação como princípios da criação artística. O belo desvincula-se da harmonia das formas.

Do século XX em diante, diferentes formas de conceber o significado e o modo do fazer artístico impuseram novas reflexões ao campo da arte. Desde então, ela deixa de ser apenas a representação do belo e passa a expressar também o movimento, a luz ou a interpretação geométrica das formas existentes. Pode também recriá-las. Em alguns casos, chega a enfrentar o desafio de representar o inconsciente humano. Por tudo isso, a arte pode ser entendida como a permanente **recriação de uma linguagem**.

Afirma-se também, entre tantas outras possibilidades, como meio de provocar a reflexão no observador sobre o lugar da própria arte na sociedade de consumo ou sobre a relação entre o observador e o objeto observado. Ou seja, a arte pode ser uma **provação, espaço de reflexão e de interrogação**.

▶ Escultura grega de uma mênade. Na mitologia grega, ninfa que participava das festas de Baco. Século I a.C.



Toda criação pressupõe um **criador** que filtra e recria a realidade e nos permite sua interpretação. A arte, desse ponto de vista, é também o **reflexo do artista**, de seus ideais, de seu modo de ver e de compreender o mundo.

Como todo artista está sempre inserido em um tempo, em uma cultura com sua história e suas tradições, a obra que produz será sempre, em certa medida, a **expressão de sua época, de sua cultura**.

Seria possível acrescentar outras observações sobre os diversos significados que pode assumir a arte a cada obra analisada. No entanto, a reflexão feita até aqui é suficiente para dar a medida dos muitos horizontes que a arte nos abre e das realizações que ela possibilita como forma de representação.

LEITURAS

1. Observe o quadro de Magritte.

- Nele, pode-se ler a seguinte afirmação: “Isto não é uma maçã”. Considerando a imagem, como você explicaria essa afirmação?
- Você consideraria a proposta de Magritte uma obra de arte?

MAGRITTE, R. *Isto não é uma maçã*. 1964. Óleo sobre tela, 152 × 100 cm. A pintura de René Magritte (1898-1967) marcou a arte do século XX. Seus quadros interrogam a própria natureza da pintura e a ação do pintor sobre a imagem.



2. Leia agora este fragmento de *A metamorfose*. Repare como elementos do mundo real contribuem para que, como leitores, aceitemos a criação ficcional proposta pelo narrador.

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo do qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos.

— O que aconteceu comigo? — pensou.

Não era um sonho. Seu quarto, um autêntico quarto humano, só que um pouco pequeno demais, permanecia calmo entre as quatro paredes bem conhecidas. Sobre a mesa, na qual se espalhava, desempacotado, um mostruário de tecidos — Samsa era caixeiro-viajante —, pendia a imagem que ele havia recortado fazia pouco tempo de uma revista ilustrada e colocado numa bela moldura dourada. Representava uma dama de chapéu de pele e boá de pele que, sentada em posição ereta, erguia ao encontro do espectador um pesado regalo também de pele, no qual desaparecia todo o seu antebraço.

O olhar de Gregor dirigiu-se então para a janela e o tempo turvo — ouviam-se gotas de chuva batendo no zinco do parapeito — deixou-o inteiramente melancólico.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. 14. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 7-8. (Fragmento).

Metamorfose em quadrinhos



O artista gráfico norte-americano Peter Kuper fez uma adaptação de *A metamorfose*, de Kafka, para quadrinhos (Conrad Editora do Brasil, São Paulo, 2004). Ele procurou explorar a veia humorística da história depois de descobrir que Kafka tinha acessos de riso ao ler passagens dessa obra, que, para muitos leitores, é assustadora e sombria.

Franz Kafka (1883-1924)

foi um dos mais influentes escritores do século XX. Nasceu em Praga, na atual República Tcheca, mas escrevia em alemão. Diversos críticos atribuem a isso seu estilo despojado. Kafka criou uma obra enigmática, preocupada com a aparente falta de saída para o ser humano. Não é à toa que seu nome originou o adjetivo **kafkiano**, que se refere a uma situação angustiante, que evoca uma atmosfera de pesadelo, de absurdo.



Franz Kafka c. 1910.

Boá: espécie de estola estreita e comprida usada ao pescoço.

Regalo: agasalho para as mãos de forma mais ou menos cilíndrica.

De olho na arte

Uma aranha no museu



▶ BOURGEOIS, L.
Aranha. 1996. Bronze 1/6,
338 × 668 × 633 cm.

Se você visse a escultura acima em um museu, concluiria que ela é considerada uma **obra de arte**. O que ela tem de “artística”? Discuta com seus colegas e veja se eles têm uma opinião semelhante à sua.

- a) Observe as informações do texto sobre o quarto e a profissão de Samsa. Como você caracterizaria a personagem a partir desses dados?
 - b) Samsa “encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto **monstruoso**”. A descrição de seu novo corpo justifica o adjetivo destacado? Por quê?
 - c) Procure descrever como você imagina que a personagem tenha se sentido quando se deu conta dessa transformação.
3. Quais dos elementos e acontecimentos apresentados no texto poderiam existir fora do universo da ficção? Quais não poderiam?
 - ▶ O que faz com que os leitores aceitem como possíveis os elementos ou acontecimentos que não poderiam ocorrer fora desse universo?
 4. Você viu que a arte pode provocar, emocionar, retratar uma época, etc. Para você, qual desses sentidos da arte é o mais importante?
 - ▶ Qual a obra (música, filme ou livro) que melhor representa esse sentido? Explique por quê.

Os agentes da produção artística

O contexto de produção de uma determinada obra pode nos dar muitas pistas sobre seu significado e sobre as intenções de quem a produziu.

Se a arte nos revela uma maneira de ver o mundo, cada artista revela seu olhar para a realidade de seu tempo, selecionando elementos que recria em suas obras.

História, cultura, ideologia, religião são alguns dos fatores que fazem parte do contexto do artista e que contribuem para “moldar” seu olhar individual. Nesse sentido, podemos identificar, nas escolhas que realiza, indícios reveladores desse contexto.

No momento da criação, além de expressar um olhar individual, o artista também preserva valores e costumes da época em que vive para as gerações futuras, expressando algo de natureza coletiva, social. Ele estabelece por meio das suas obras um diálogo com os seus contemporâneos e lhes propõe uma reflexão sobre o contexto em que estão inseridos.

Toda obra de arte interage com um **público**. O público passa, portanto, a ser considerado um interlocutor e, por isso, “participa”, de alguma maneira, das escolhas que o artista faz. E, ao estabelecer um diálogo com a obra, participa da construção dos sentidos que ela pode exprimir.

Toda obra se manifesta em uma determinada **linguagem**, que se desenvolve em uma **estrutura**. Além disso, circula em determinado **meio**, em determinado suporte utilizado para representá-la. Por exemplo, um filme produzido para cinema é diferente de um filme produzido para TV, que tem duração menor e momentos adequados aos cortes dos intervalos comerciais. É por isso que o meio de circulação pode determinar a maneira de se conceber um filme.

Muito do significado das intenções de quem produziu uma obra de arte pode ser revelado pelo reconhecimento dos vários **agentes** que contribuíram para sua criação: o **artista**, o **contexto** em que viveu, o **público** para o qual a obra foi criada, a **linguagem** e a **estrutura** em que foi produzida e seu **contexto de circulação**.

LEITURAS

1. Observe, no quadro de Leonardo da Vinci, como a Mona Lisa parece estar olhando para nós e pensando em algo, com seu sorriso enigmático.



DA VINCI, L. *Mona Lisa*.
1503-1506. Óleo sobre
madeira, 77 × 53 cm.

- a) De que modo os elementos presentes no quadro, principalmente a paisagem, contribuem para que a atenção de quem o observa seja direcionada para a figura da Mona Lisa?
- b) Se olharmos com atenção, veremos que a paisagem do lado esquerdo não se “encaixa” com a do lado direito. Que efeito isso provoca quando olhamos para a Mona Lisa?
- c) Que elementos da paisagem ajudam a dar “movimento” ao quadro?

2. Observe, agora, a releitura que Jean-Michel Basquiat fez do quadro de Leonardo da Vinci.



BASQUIAT, J.
Mona Lisa. 1983.
Técnica diversa.
120 × 98 cm.

- a) Que elementos presentes no quadro de Basquiat estabelecem um “diálogo” com o quadro de Da Vinci?
 - b) Que elementos revelam que o quadro foi criado em uma época diferente daquela em que foi pintada a *Mona Lisa*?
 - c) Que interpretações a relação com a imagem original provoca na obra de Basquiat?
 - d) As informações que você tem a respeito da Mona Lisa de Da Vinci influenciaram o seu olhar para a Mona Lisa de Basquiat? De que maneira?
3. Considerando as características do quadro de Basquiat, que tipo de público, na sua opinião, teria interesse por uma obra como essa?

Jean-Michel Basquiat (1960-1988) nasceu em Nova York (EUA), filho de pai haitiano e mãe porto-riquenha. Em 1977, começou a grafitar textos nas ruas da cidade. Sua carreira ganhou projeção ao trabalhar com o artista Andy Warhol. A obra que produziu reflete as suas influências culturais, o ambiente urbano em que vivia, a sua condição de artista e de negro.



Jean-Michel Basquiat
por Andy Warhol, 1982.

Basquiat e a nota de um dólar

Alguns elementos da nota de um dólar aparecem no quadro de Basquiat. Com essa relação intertextual, o artista parece questionar o valor da arte tradicional ao atribuir à valiosíssima tela de Leonardo o valor mais baixo das notas americanas.



Nota de um dólar.

Literatura: a voz de muitos

Neste depoimento da escritora brasileira Nélida Piñon, destaca-se o caráter coletivo da literatura.

Costumo dizer que a literatura nada me deve. Eu é que devo tudo a ela. Graças a ela eu conheço as pessoas e transito pelo mundo. Ela me ensina diariamente a viver. Literatura não é um produto que advém apenas do artista. A sociedade, ao longo dos séculos, pediu que sua história fosse narrada, por isso ela tem esse sentido coletivo.

PIÑON, Nélida.
In: CAMPOS DE LUCENA, Suênio.
21 escritores brasileiros. São Paulo:
Escrituras, 2001. p. 146.

A arte da literatura

Como acontece com as outras artes, todas as sociedades, todas as culturas, em todos os tempos e lugares, produziram literatura em sua forma oral ou escrita. Por quê? Que atributos específicos teria a literatura para se mostrar tão importante para homens e mulheres desde sempre?

Há muitas respostas possíveis para essa pergunta, mas o fato de ter sido produzida por culturas e em tempos tão diferentes nos permite concluir que a literatura cumpre funções muito importantes nas sociedades humanas.

Funções do texto literário

A palavra “função” aqui se refere ao papel que a literatura desempenha nas sociedades; um papel que se configurou, em grande parte, a partir daquilo que o público leitor reconheceu como valor nessa arte ao longo da história da leitura. Foram os leitores, portanto, que atribuíram um papel à produção literária e são eles que a mantêm viva até hoje.

• A literatura nos faz sonhar

Os textos têm o poder de transportar o leitor, provocar alegria ou tristeza, divertir ou emocionar. Em outras palavras, nos permitem “viver” outras vidas, sentir outras emoções e sensações. Nesse sentido, a **literatura nos oferece um descanso dos problemas cotidianos, quando nos descortina o espaço do sonho e da fantasia.**

• A literatura provoca nossa reflexão

Será que os textos literários têm o poder de transformar a realidade ou existem apenas para nos aliviar o peso da vida cotidiana? Veja o que pensa José Saramago, escritor português, em entrevista concedida ao jornal *O Globo*:

José Saramago (1922-2010) é um dos mais importantes escritores portugueses da atualidade. Ganhador do Prêmio Nobel em 1998, sua obra propõe uma reflexão sobre algumas das questões mais essenciais do mundo contemporâneo, como a discussão sobre a liberdade e sobre o que seria de fato a democracia.



José Saramago, 2005

O GLOBO O senhor crê que a literatura tem alguma capacidade de provocar mudanças no mundo? [...]

SARAMAGO A resposta está na pergunta. Pretendo tocar os leitores, criar polêmicas, estimular discussões. Mas isto não significa que a literatura tenha poder para mudar o mundo. Já não é pouco que seja capaz de exercer influência sobre algumas pessoas. O mundo é demasiado grande, somos mais de sete bilhões os que habitamos neste planeta, e o poder real está nas mãos das grandes multinacionais que evidentemente não nasceram para ser agentes da nossa felicidade.

O Globo, Rio de Janeiro, 20 mar. 2004. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/jornal/Suplementos/ProsaeVerso/141256336.asp>>.
Acesso em: 20 mar. 2004. (Fragmento).

A literatura não tem o poder de modificar a realidade, como reconhece Saramago, mas certamente é capaz de fazer com que as pessoas reavaliem a própria vida e mudem de comportamento. Se esse efeito é alcançado, o texto literário desempenha um importante papel transformador, ainda que de modo indireto.

Pela resposta de Saramago, podemos dizer que a literatura pode **provo- car a reflexão e responder, por meio de construções simbólicas, a perguntas que inquietam os seres humanos.**

• A literatura diverte

A experiência apaixonante de passar horas lendo um bom livro é familiar a muitas pessoas em todo o mundo.

Quem já não deu boas risadas sozinho com as trapalhadas cotidianas que tantos cronistas registram, como se dissessem que temos também de aprender a rir de nós mesmos?

Seja viajando no trem que leva os alunos para mais um ano letivo em Hog- warts, nas histórias de Harry Potter, seja vagando pela Terra Média, na narra- tiva de *O Senhor dos Anéis*, os leitores que embarcam nas aventuras propostas pelos livros sabem que, aconteça o que acontecer, terão sempre consigo a memória das emoções sentidas em cada uma de suas jornadas literárias.

• A literatura nos ajuda a construir nossa identidade

Nos textos literários, de certo modo entramos em contato com a nos- sa história, o que nos dá a chance de compreender melhor nosso tempo, nossa trajetória como nação. O interessante, porém, é que essa “história” coletiva é recriada por meio das histórias individuais, das inúmeras perso- nagens presentes nos textos que lemos, ou pelos poemas que nos tocam de alguma maneira.

Como leitores, interagimos com o que lemos. Somos tocados pelas experi- ências de leituras que, muitas vezes, evocam vivências pessoais e nos ajudam a refletir sobre nossa identidade individual e também a construí-la.

• A literatura nos “ensina a viver”

Como toda manifestação artística, a literatura acompanha a trajetória humana e, por meio de palavras, constrói mundos familiares, em que pes- soas semelhantes a nós vivem problemas idênticos aos nossos, e mundos fantásticos, povoados por seres imaginários, cuja existência é garantida somente por meio das palavras que lhes dão vida. Também exprime, pela criação poética, reflexões e emoções que parecem ser tão nossas quanto de quem as registrou.

Por meio da convivência com poemas e histórias que traçam tantos e diversos destinos, a literatura acaba por nos oferecer possibilidades de resposta a indagações comuns a todos os seres humanos.

• A literatura denuncia a realidade

Em diferentes momentos da história humana, a literatura teve um papel fundamental: o de **denunciar a realidade**, sobretudo quando setores da sociedade tentam ocultá-la. Foi o que ocorreu, por exemplo, durante o pe- ríodo da ditadura militar no Brasil. Naquele momento, inúmeros escritores arriscaram a própria vida para denunciar, em suas obras, a violência que tornava a existência uma aventura arriscada.

A leitura dessas obras, mesmo que vivamos em uma sociedade demo- crática e livre, nos ensina a valorizar nossos direitos individuais, nos ajuda a desenvolver uma melhor consciência política e social. Em resumo, permite que olhemos para a nossa história e, conhecendo algumas de suas passa- gens mais aterradoras, busquemos construir um futuro melhor.

De olho no poema

Um poema denúncia

No poema “SOS”, Chacal recorre à ironia para tornar mais evidente a denúncia dos muitos males que afligem os brasileiros.

SOS
tem gente morrendo de
[medo
tem gente morrendo de
[esquistossomose
tem gente morrendo de
[hepatite meningite sífilite
tem gente morrendo de
[fome
tem gente morrendo por
[muitas causas

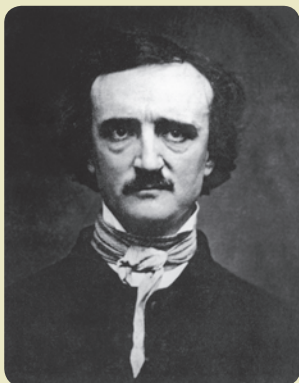
nós, que não somos
[médicos, psiquiatras,
nem ao menos bons
[cristãos,
nos dedicamos a salvar
[pessoas
que, como nós,
sofrem de um mal
[misterioso
o sufoco.

CHACAL. *Belvedere*
[1971-2007]. São Paulo/Rio de
Janeiro: Cosac Naify/7 Letras,
2007. p. 313.

Um conto de suspense e mistério

“O gato preto” é um dos mais conhecidos contos de Edgar Allan Poe. Nele, acompanhamos a história de um homem que, sem causa aparente, passa a se comportar de modo muito violento, mudando completamente de personalidade. Após matar Pluto, seu gato de estimação, a personagem passa a associar uma série de acontecimentos supostamente inexplicáveis à aparição de um segundo gato, bastante semelhante a Pluto.

Edgar Allan Poe (1809-1849) nasceu em Boston (EUA). Autor de poemas como “O corvo”, “Annabel Lee” e de contos célebres como “A queda da casa de Usher”, “O barril de *amontillado*” e “O gato preto”, Poe é um escritor lido e admirado até hoje. Teve uma morte misteriosa: após ter realizado palestras em Norfolk, foi encontrado em uma condição deplorável em Baltimore, sem que se saiba como chegou até lá. Levado, inconsciente, para o hospital local, morreu sem recobrar os sentidos.



Edgar Allan Poe, 1848.

O pacto com o leitor

Para que os mundos literários ganhem vida, precisamos habitá-los. Em outras palavras, temos de aceitar o convite feito pelo autor para entrarmos, sem medo, nos bosques criados pela ficção.

Como saber, porém, que caminhos trilhar em um mundo desconhecido?

O próprio texto literário nos oferecerá os sinais e as pistas que, interpretados, indicarão o caminho. Todo texto estabelece um pacto de credibilidade com seus possíveis leitores: caso eles aceitem as condições que regem o mundo ficcional ali apresentado, esse mundo fará sentido.

Veja, por exemplo, o que diz o narrador do conhecido conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe:

.....

Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto, bastante doméstica que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda a certeza, não sonho. Mas amanhã posso morrer e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito. Meu propósito imediato é apresentar ao mundo, clara e sucintamente, mas sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Devido a suas consequências, tais acontecimentos me aterrorizaram, torturaram e destruíram. No entanto, não tentarei esclarecê-los. Em mim, quase não produziram outra coisa senão horror — mas, em muitas pessoas, talvez lhes pareçam menos terríveis que grotescos. Talvez, mais tarde, haja alguma inteligência que reduza o meu fantasma a algo comum — uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que a minha, que perceba, nas circunstâncias a que me refiro com terror, nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais.

POE, Edgar Allan. O gato preto. *Histórias extraordinárias*. Tradução de Breno Silveira e outros. São Paulo: Abril Cultural, 1981. p. 41. (Fragmento).



.....

Diante do desafio de ler uma história que, embora verdadeira, pareça absurda, a curiosidade do leitor é estimulada. Por que o narrador imagina não ser possível acreditar nela, mesmo tendo certeza de que os fatos ocorridos não são fruto de sua imaginação? A resposta é dada sob a forma de uma hipótese formulada na última frase do texto.

De quem seria a “inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável” que a do narrador? A do leitor, é claro!

Quando aceita o jogo proposto pelo texto, o leitor reconhece como válidas as condições criadas pelo narrador e pode iniciar sua viagem pelo mundo da ficção.

O pacto entre leitor e texto é produzido para que a literatura tenha liberdade ficcional. Embora se saiba que os acontecimentos narrados não são reais, admite-se que, se o mundo tivesse aquelas características apresentadas no texto, este poderia ser real. Por isso dizemos que o texto é **verossímil**, quer dizer, não é verdadeiro, mas **parece verdadeiro**.

» As questões de 1 a 5 referem-se ao texto 1.

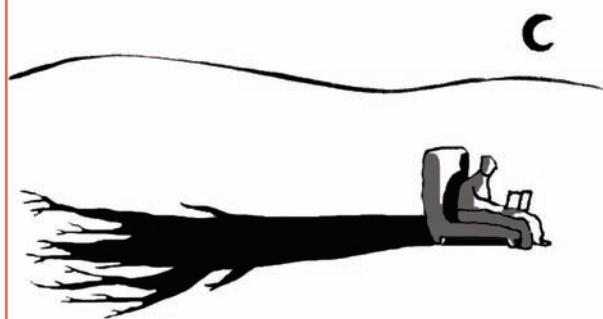
Texto 1

Continuidade dos parques

A história de um homem que lê um romance nos leva a indagar: quais são os limites entre a realidade e a ficção?

Começara a ler o romance dias antes. Abandonou-o por negócios urgentes, voltou à leitura quando regressava de trem à fazenda; deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens. Nessa tarde, depois de escrever uma carta a seu procurador, discutir com o capataz uma questão de parceria, voltou ao livro na tranquilidade do escritório que dava para o parque dos carvalhos. Recostado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria incomodado como uma irritante possibilidade de intromissões, deixou que sua mão esquerda acariciasse, de quando em quando, o veludo verde e se pôs a ler os últimos capítulos. Sua memória retinha sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas; a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava, e sentir ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto respaldo, que os cigarros continuavam ao alcance da mão, que além dos janelões dançava o ar do entardecer sob os carvalhos. Palavra por palavra, absorvido pela trágica desunião dos heróis, deixando-se levar pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do último encontro na cabana do mato. Primeiro entrava a mulher, receosa; agora chegava o amante, a cara ferida pelo chicotaço de um galho. Ela estancava admiravelmente o sangue com seus beijos, mas ele recusava as carícias, não viera para repetir as cerimônias de uma paixão secreta, protegida por um mundo de folhas secas e caminhos furtivos, o punhal ficava morno junto a seu peito, e debaixo batia a liberdade escondida.

Um diálogo envolvente corria pelas páginas como um riacho de serpentes, e sentia-se que tudo estava decidido desde o começo. Mesmo essas carícias que envolviam o corpo do amante, como que desejando retê-lo e dissuadi-lo, desenhavam desagradavelmente a figura de outro corpo que era necessário destruir. Nada fora esquecido: impedimentos, azares, possíveis erros. A partir dessa hora, cada instante tinha seu emprego minuciosamente atribuído. O reexame cruel mal se interrompia para que a mão de um acariciasse a face do outro. Começava a anoitecer.



Já sem se olhar, ligados firmemente à tarefa que os aguardava, separaram-se na porta da cabana. Ela devia continuar pelo caminho que ia ao Norte. Do caminho oposto, ele se voltou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Correu por sua vez, esquivando-se de árvores e cercas, até distinguir na rósea bruma do crepúsculo a alameda que o levaria à casa. Os cachorros não deviam latir, e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava. Subiu os três degraus do pórtico e entrou. Pelo sangue galopando em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto, duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.

CORTÁZAR, Julio. *Final do jogo*. Tradução de Remy Gorga, filho. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971. p. 11-13.

O escritor argentino **Julio Cortázar** ficou conhecido pelo tratamento fantástico dado à realidade em suas obras literárias. Nascido em 1914, Cortázar ganha fama internacional ao publicar, em 1963, *O jogo da amarelinha*, romance que pode ser lido de forma linear ou não linear, construindo diferentes histórias, a depender do trajeto adotado pelo leitor. Morreu em 14 de fevereiro de 1984, vítima de leucemia.

No conto “Continuidade dos parques”, o elemento fantástico é construído pelo trabalho com os dois planos em que a história se desenrola: o do leitor que lê um romance e o do romance que é lido por ele.



Julio Cortázar, 15 maio 1973.

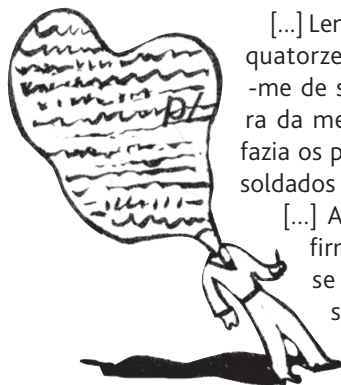
1. Todo texto narrativo se constrói a partir da presença de alguns elementos básicos: narrador, personagens, cenário, tempo e enredo. Quem conta a história em “Continuidade dos parques”?
 - a) Quais são as personagens envolvidas na história? Como elas são caracterizadas?
 - b) O texto apresenta dois cenários. Quais são eles? O que se descobre sobre o primeiro cenário no final da história?
 - c) Em que intervalo de tempo a história se passa?
 - d) Há, no texto, um acontecimento que desencadeia a ação final. Qual é ele?
2. No conto, há duas histórias narradas: a do fazendeiro-leitor e a dos amantes. Uma reflete a outra, e as duas histórias terminam por se entrelaçar. Explique como o trabalho de construção do cenário, das personagens e do enredo ajuda a promover esse efeito.
3. Após a leitura do conto, podemos afirmar que a primeira pista que Cortázar nos fornece sobre o caráter fantástico de sua narrativa é o título da história. Por quê?
4. Releia a seguinte passagem do conto.

“[...] a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava [...]”

- ▶ O narrador do conto, ao falar do prazer sentido pelo fazendeiro-leitor, alude a uma das funções geralmente associadas à literatura. Qual é a função?
5. A literatura e as demais formas de arte podem levar o ser humano a refletir sobre as angústias e alegrias da própria existência. A leitura do conto nos ajudaria a compreender melhor a realidade? Por quê?
- ▶ As questões 6 e 7 referem-se ao texto 2.

Texto 2

Ao lembrar um episódio marcante de sua adolescência, o escritor Erico Verissimo nos ajuda a refletir sobre uma das funções da literatura.



[...] Lembro-me de que certa noite — eu teria uns quatorze anos, quando muito — encarregaram-me de segurar uma lâmpada elétrica à cabeceira da mesa de operações, enquanto um médico fazia os primeiros curativos num pobre-diabo que soldados da Polícia Municipal haviam “carneado”.

[...] Apesar do horror e da náusea, continuei firme onde estava, talvez pensando assim: se esse caboclo pode aguentar tudo isso sem gemer, por que não hei de poder ficar segurando esta lâmpada para ajudar o doutor a costurar esses talhos e salvar essa vida? [...]

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a ideia de que o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto.



VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. Porto Alegre: Globo, 1978. v. 1. p. 44-45. (Fragmento).

6. A lâmpada, no texto, tem um significado simbólico. Que significado pode ser atribuído a ela?
 7. A que função literária Erico Verissimo se refere em seu depoimento?
- » Leia a notícia abaixo para responder à questão 8.

Texto 3

O ESTADO DE S. PAULO

Bienal sofre ataque de 40 pichadores no dia da abertura

No dia da inauguração do evento, prédio sofre ação de vândalos que picharam as paredes do segundo andar

SÃO PAULO — Neste domingo, às 19h35, primeiro dia de visita aberta ao público da 28ª Bienal de São Paulo, um grupo formado por cerca de 40 pichadores invadiu o pavilhão no Parque do Ibirapuera e pichou parte de seu segundo andar, durante a visita. Nesta edição da mostra, o segundo piso do prédio foi mantido propositalmente vazio e mesmo antes da inauguração ganhou o apelido de Bienal do Vazio. Os pichadores aproveitaram-se desse fato para no local fazer seu protesto, preenchendo as paredes com frases do tipo: “Isso que é arte.” [...].

Dos cerca de 40 pichadores, apenas uma jovem de 23 anos foi detida. [...]. Houve tumulto no prédio. A ação já estava prevista pela Curadoria e organização do evento, que disseram anteriormente terem tomado providências para que a pichação não ocorresse no prédio. “Entramos pela porta. Normal. Conseguimos. [...]”, disse a menina detida que não quis se identificar. “É o protesto da arte secreta.”

Os demais pichadores saíram no meio do tumulto se misturando aos outros visitantes da mostra, quebrando vidros do prédio. E conseguiram escapar. [...].

MOLINA, Camila. *O Estado de S. Paulo*, 26 out. 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arteelazer/not_art267070,0.htm>. Acesso em: 20 jun. 2009. (Fragmento).



» Pichação no segundo andar do Pavilhão da Bienal, em São Paulo, 2008.

8. Discuta as seguintes questões com seus colegas.
 - a) A declaração da garota que foi detida de que a pichação foi um “protesto da arte secreta” sugere as prováveis intenções do grupo que agiu na Bienal. Quais poderiam ser elas?

Bienal do vazio

Ivo Mesquita e Ana Paula Cohen, curadores da 28ª Bienal de São Paulo, quando deram as primeiras entrevistas a respeito desse evento, afirmaram que uma das formas encontradas por eles para questionar o papel das grandes exposições havia sido deixar vazio o segundo dos três pavimentos do Pavilhão do Ibirapuera onde ocorre a Bienal. A ideia era que esse vazio provocasse, segundo eles, “a busca de outros sentidos e de novos conteúdos”.

O anúncio dessa novidade provocou grande polêmica e até fez surgir acusações de que a falta de recursos motivara a controversa decisão dos curadores. Talvez por isso, em uma última entrevista antes do início da Bienal, eles passaram a afirmar que haviam mantido o segundo andar vazio para destacar a beleza da obra de Oscar Niemeyer.

- ▶ b) Em sua opinião, esse tipo de ação pode ser considerado uma manifestação artística ou é apenas depredação do patrimônio cultural? Por quê?
- c) Os curadores e os pichadores, com suas atitudes, conseguiram mobilizar as pessoas e provocar reflexão. Para você, que decisão provoca uma reflexão mais profunda sobre o que é considerado arte e o que não é: a de manter o pavimento vazio ou a de pichar esse pavimento? Por quê?



Material complementar Moderna PLUS <http://www.modernaplus.com.br>
Exercícios adicionais.

Arte urbana

O grafite, inscrições ou desenhos pintados ou gravados em muros ou paredes das cidades, foi visto por muito tempo como contravenção. Hoje, é considerado uma manifestação artística, mais especificamente da *street art* ou arte urbana.

Em geral, distingue-se o grafite, de elaboração mais complexa, da pichação, quase sempre considerada contravenção. Porém, muitos grafiteiros respeitados, como *OsGêmeos*, admitem ter um passado de pichadores.

Banksy, autor do grafite apresentado ao lado, é conhecido por suas obras bastante críticas. Sua identidade, desconhecida, é objeto de inúmeras especulações.



▶ Grafite de Banksy em Belém, Israel, 2008.

Jogo de ideias

Neste capítulo, você viu que a arte pode ser considerada uma “provocação, espaço de reflexão e de interrogação”. As obras de artistas contemporâneos, como Basquiat, Louise Bourgeois, Beatriz Milhazes, OsGêmeos e Banksy, são exemplos bastante significativos dessa diversidade de sentidos que as manifestações artísticas podem ter.

Para compreender melhor como a arte, fazendo uso de diferentes linguagens (pintura, escultura, grafite, etc.), pode ser considerada provocação, espaço de reflexão e de interrogação, propomos que você e seus colegas, em equipe, façam uma apresentação, em PowerPoint, de obras desses artistas. Para cumprir essa tarefa, vocês deverão seguir os passos abaixo:

- ▶ dividir a sala em cinco grupos; cada grupo deverá escolher, para fazer a montagem da apresentação em PowerPoint, as obras de um dos artistas indicados;
- ▶ selecionar as obras do artista, identificando os aspectos que permitem afirmar que as obras selecionadas exemplificam a ideia de que a arte pode ser considerada uma “provocação, espaço de reflexão e de interrogação”;
- ▶ fazer a montagem da apresentação em PowerPoint com uma breve biografia do artista escolhido e as obras selecionadas;
- ▶ apresentar o PowerPoint para a sala explicando, oralmente, por que é possível afirmar que as obras selecionadas exemplificam a diversidade de sentidos que uma manifestação artística pode ter.